

## O AMADOR E A COISA AMADA

*El amador y la cosa amada*

*The Lover and the Beloved Thing*

Geraldo CARNEIRO

*Academia Brasileira de Letras*

carneiro.geraldo@icloud.com

RESUMO: Aqui está reproduzido um prólogo que Geraldo Carneiro escreveu para o *Viva o Povo Brasileiro* a pedido de João Ubaldo Ribeiro. Nele, Carneiro demonstra sua inteligência como leitor de uma obra de vanguarda que vale não apenas para a literatura brasileira, mas também para a literatura universal.

*Palavras-chave:* *Viva o Povo Brasileiro*, avant-garde, romance, valor crítico.

RESUMEN: Aquí se reproduce el prólogo que Geraldo Carneiro escribió para *Viva o Povo Brasileiro* a petición de João Ubaldo Ribeiro. En él, Carneiro demuestra su inteligencia como lector de una obra vanguardista que no solo es valiosa para la literatura brasileña, sino también para la cultura universal.

*Palabras clave:* *Viva o Povo Brasileiro*, vanguardismo, novela, valor crítico.

ABSTRACT: Here is reproduced a prologue that Geraldo Carneiro wrote for *Viva o Povo Brasileiro* at the request of João Ubaldo Ribeiro. In it, Carneiro demonstrates his intelligence as a reader of an avant-garde work that is not only valuable for Brazilian literature, but also for universal literature.

*Key words:* *Viva o Povo Brasileiro*, avant-garde, novel, critical value.

Um dia João Ubaldo Ribeiro me telefonou muito preocupado – o que não era incomum, nem o telefonema, nem a preocupação –. No mesmo dia fui à sua casa para saber qual era o motivo. Ele explicou que sua editora queria fazer uma edição comemorativa de *Viva o Povo Brasileiro*. E, para isso, precisava de um prefácio. Ora, a ideia do prefácio nunca fez parte dos planos de Ubaldo. Ele tinha um sistema peculiar para escrever seus livros. Primeiro, escolhia o título; depois, a epígrafe; e só então começava a escrever a história propriamente dita. Um prefácio era um elemento estranho em seu método. Uma espécie de heresia ao sistema sagrado que ele inventara para seus livros. O prefácio era uma invasão. E Ubaldo cismou que só eu seria capaz de escrevê-lo.

Para evitar mal-entendidos, esclareço que não sou ensaísta. Duas dúzias de vezes me arrisquei no gênero, sem a pretensão de me tornar um cultor dele. Mas, diante do chamado solene e ligeiramente desesperado de meu amigo, resolvi aceitar o desafio. E agora leio esse texto, acrescido de algumas notas explicativas ou pessoais. Aqui vai:

Isto não é um prefácio. *Viva o Povo Brasileiro* não precisa de prefácio. Nem é um panegírico, embora haja muitas razões para celebrar. Os prefaciadores, de modo geral, fingem que não têm partido previamente tomado a propósito do livro. Eu tenho. Creio que existem livros fundadores, cuja complexidade é o simulacro do mundo, cuja leitura suscita uma epifania. Livros que encarnam o nascimento mítico de uma nação, ou a última encarnação de Vishnu. *Viva o Povo Brasileiro* é desses poucos, raros livros fundamentais.

Pronto, está confessada a opinião. Assim sendo, esta pequena palestra torna-se desnecessária e eu recomendo aos espectadores que não percam seu tempo com minhas mal fundadas especulações. Mas já que a distinta plateia teve a amabilidade de comparecer pela internet, eu tenho a alegria de revelar como se alça a arquitetura do meu pensamento. Primeiro, um retrospecto.

Desde o final dos anos 50, a literatura brasileira foi submetida a uma dieta ditada pelas chamadas vanguardas. E isso, cá entre nós, foi ótimo, porque acabou eclipsando grande parte do besteirol do beletrismo: a literatura como sonho de menina moça ou como sorriso da sociedade dos bacharéis.

Não havia mais prosa que prestasse no Brasil. Pelo menos, segundo as vanguardas. Aliás, se você acreditasse nas vanguardas, o único prosador que prestava, em todos os tempos, era James Joyce. E não qualquer James Joyce (o do *Retrato do Artista Quando Jovem* e do *Dublinenses*, por exemplo; nem o do *Ulysses*): só prestava o Joyce do *Finnegans Wake*, livro esse que só eu e mais meia dúzia de malucos lemos como ato de fé, compreendendo pouco mais do que coisa alguma.

Havia exceções toleradas pelos gurus da novilíngua. Por exemplo, a prosa meio joyceana de João Guimarães Rosa. E, além da prosa do Rosa, se a maré fosse de bom humor, podiam figurar no paideuma que não sei se era pré ou pós-moderno dois ou três fragmentos da desinvenção da língua portuguesa, que os doutores da Igreja arbitrariamente canonizassem conforme seu Credo. Mas sempre abominando a tal da discursividade, ou seja, a mania de escrever uma palavra seguida de outra palavra, coisa perfeitamente anacrônica. Carlos Drummond de Andrade? Era um chato. Vinicius de Moraes? Epicurista démodé. Jorge de Lima? Um neo-parnasiano.

De repente, em plena vigência do ABC vanguardista, explode *Viva o Povo*. E já começa instaurando uma metafísica e evocando os orixás da epopéia, exibindo suas armas e barões assinalados e chamando ao proscênio da narrativa ninguém menos que Camões: “Envolto nas brumas da lenda, esses homens do Destino logo dilataram por todas aquelas terras a reputação de seu valor incomparável, a beleza de seu cada gesto, a força certa de cada coisa dita, o caráter jamais quebrantado por fraqueza humana”.

É difícil enumerar ao leitor os motivos da grandeza poética deste fragmento. A começar pelo verbo “dilatar”, datado do século xv, depois celebrizado n’*Os Lusíadas*, passando pela sintaxe trovadoresca da expressão “a beleza de seu cada gesto”, até a palavra “quebrantado”, do verbo quebrantar, datada do ano de 897, sendo portanto uma das primeiras palavras da língua portuguesa. Em suma, *Viva o Povo Brasileiro* é também a história das maravilhas da língua. Mas, por ora, vamos aos fatos narrativos.

O narrador é Deus. Fora do seu universo, tudo se precipita no caos. As narrativas clássicas – *Os Lusíadas*, por exemplo – emprestam ao narrador uma onisciência semelhante à dos deuses. Se não me engano, uma única vez o narrador d’*Os Lusíadas* se permite um desabafo, digamos, de pessoa física. E diz: “Não mais, musa, não mais que a lira tenho/ destemperada e a voz enrouquecida” .

Em suma, faz parte da configuração clássica do narrador essa dimensão metafísica, enquanto a condição humana é, como diz o próprio Camões, a de um bicho da terra tão pequeno.

No entanto, já no final da descrição camoniana da morte do alferes José Francisco, o primeiro herói de *Viva o Povo*, infiltra-se no texto um cronista *gaiato* que faz o inventário de seus escassos bens materiais. Cito: “[...] mas José Francisco, por só ter no mundo uma mãe entrevada, uma irmã nem donzela, duas galinhas, uma fisga de três pontas e um gibão de punhos agaloados, não trouxe nem representou prejuízo”. Fecho aspas.

E quando, ao final do inventário dos bens do alferes, o narrador de *Viva o Povo Brasileiro* regressa ao terreno da epopéia, suas palavras passam a ser lidas também pelo avesso, configurando uma espécie de anti-epopeia. E sua grandiloquência se converte em ironia.

Como se não bastasse, no parágrafo seguinte, quem assume o controle da narrativa é uma espécie de Jonathan Swift dos trópicos. E chega: não me atrevo a inventariar as graças narrativas de *Viva o Povo Brasileiro*, porque, além de usurpação das prerrogativas do leitor, eu seria obrigado a parafrasear quase todo o livro, em exercício semelhante ao de “Pierre Menard, o autor do Quixote”, fábula essa em que Jorge Luís Borges se empenha em fazer galhofa de quem se atreve a reescrever os clássicos.

O que importa é assinalar que o narrador de *Viva o Povo Brasileiro* abdica da univocidade – se me perdoam o palavrão – que é pretendida pela narrativa clássica. Univocidade significando o esforço de criação de uma identidade monolítica do narrador. Por exemplo: em *Grande Sertão: Veredas*, é a voz do jagunço Riobaldo que conta suas peripécias ao seu invisível interlocutor; já em *Os Sertões*, é a voz do repórter Euclides da Cunha que relata a campanha de Canudos. Em miúdos, cada um desses personagens-narradores configura uma espécie de moldura psíquica, cuja ruptura significaria o fim do pacto da verossimilhança, aquela velha *suspension of disbelief* preconizada pelo poeta inglês Samuel Taylor Coleridge, que, sendo romântico, desconfiava que a linguagem não dispunha de poderes absolutos para representar o mundo. E talvez tivesse razão.

Já em *Viva o Povo Brasileiro*, o narrador se oferece à leitura como conjunto de múltiplas vozes, de máscaras através das quais a narrativa se complexifica e propicia uma dupla leitura simultânea, como epopéia e paródia. Não vou ficar esmiuçando essa multiplicidade, porque o futuro leitor de *Viva o Povo* terá por conta própria o direito da descoberta.

Também tentarei resistir à tentação de mencionar duas ou três ideias do filósofo húngaro Georg Lukács, autor de uma pouco mencionada, porém imprescindível *Teoria do Romance*, na qual discute a gênese histórica e filosófica do gênero. Seria interessante que especialistas comparassem *Viva o Povo Brasileiro* com reflexões em que Lukács sugere, por exemplo, que: “O romance é a epopeia de um mundo sem deuses: a psicologia do herói romanesco é demoníaca, a objetividade do romance é a viril e madura constatação de que nunca o sentido poderia penetrar de lado a lado a realidade, e que portanto, sem ele, esta sucumbiria ao nada e à inessencialidade”. Se eu tivesse erudição e eros-dicção para tanto, eu gostaria de verificar de que modo preciso a

arquitetura conceitual de Lukács, concebida a partir de um mundo em que o romance era uma chama agonizante, resistiria ao embate com os fogos bárbaros do admirável mundo novo de João Ubaldo, com seu canibalismo pós-calibânico. Gostaria de verificar se as ideias de Lukács seriam prisioneiras de um eurocentrismo congelado no tempo, enquanto, na periferia do Ocidente, a história se reinventa num romance *made in Bahia*.

(Um parêntese: como todos os aqui presentes neste encontro virtual sabem, Caliban é um dos vilões da penúltima peça de William Shakespeare: *A Tempestade*. E *Viva o Povo Brasileiro* tem uma nova versão de Caliban, o Caboblo Capiroba. Caliban é um anagrama, certamente voluntário, da palavra canibal. Já o Caboclo Capiroba é um canibal *made in Brazil*, que tem a curiosa preferência gastronômica de comer holandeses, cuja carne, segundo o ele próprio alega, é mais saborosa do que a de outros estrangeiros que andam por cá. Capiroba é a encarnação da Antropofagia do escritor Oswald de Andrade, biscoito fino do Modernismo brasileiro dos anos 20 do século passado. É um Caliban da nova geração dos trópicos. Fim do parêntese.)

Aliás, parte dos encantos simbólicos de *Viva o Povo* deriva talvez da capacidade de fundar sua própria história a partir de uma visão de mundo baiano-cêntrica, que sagra como cânone da nacionalidade, a história da Bahia e de seus principais ícones e não a história colonialista dos Estados Unidos do Brasil. Se o leitor me permitisse um paralelo geopolítico, eu diria: *Viva o Povo* é um ato simbólico de rebelião separatista, como as bombas do Exército Republicano Irlandês ou a *abnihilation of the ethym* das ficções de James Joyce.

Esse descentramento inaugura um mundo simbólico novo, regido por outros deuses, outras cosmogonias. E talvez seja também condição *sine qua non* para que o narrador de *Viva o Povo* tenha a capacidade de assumir tantas vozes.

Talvez nesse constante descentramento em que tantos brasis convivem esteja também a chave para compreender que *Viva o Povo* se instala no não-lugar e no não-tempo, no paradoxo de um espaço atópico e de um tempo acrônico. Estabelecido em seu não-lugar e não-tempo, contra as convenções históricas e literárias dessa narrativa mitológica chamada Brasil, funda-se o universo paralelo de João Ubaldo, que, embora pertença ao corpo da literatura luso-brasileira e se alimente de seus cânones, lhe é estrangeiro.

Também no campo da arte da representação, *Viva o Povo* é atravessado por essa dupla determinação. Por um lado, reafirma a imagem clássica do romance, um gênero histórico cuja genealogia, conforme o repertório, pode remontar à Espanha de Cervantes, ou, mais remotamente, às aventuras do Príncipe Genji,

escritas em plena Idade Média (média para nós, os corações desocidentados) por uma japonesa cujo nome não me atrevo a reproduzir – por incompatível com a glória ocidental –. Certamente, o leitor de romances encontrará em *Viva o Povo* todos os recursos de uma narrativa romanesca. E encontrará, no entanto, momentos de turbulência, passagens e fragmentos em que a linguagem não se contenta em representar uma cena, mas deseja ser aquilo que representa. Também deixo por conta do leitor o deleite de encontrar exemplos de tais portentos: como se diz em português contemporâneo, *it's up to you, brother*.

Não me arriscaria a afirmar que *Viva o Povo* deve ser lido como uma declaração de guerra anti-imperial, tendo entre seus antagonistas – além dos mais óbvios – a deusa da sintaxe e quaisquer poderes imperiais do passado e do futuro. Sei, no entanto, que, ao contrário dos clássicos que lhe servem de modelo, *Viva o Povo* se insurge contra a canonização de uma determinada fala – e qualquer desejo de canonização de uma fala serve como metáfora de todos os projetos imperiais, seja no reino da poética ou no da política –. Desconfio que *Viva o Povo Brasileiro* proponha um exercício de contínuo descentramento, e que, em seu percurso, a linguagem, embora se solenize e crie modelos de excelência, promova sua própria erosão e derrição.

Mas, a despeito de todas suas qualidades corrosivas, *Viva o Povo Brasileiro* é uma celebração da língua e de seus inventores. Caberá aos leitores do futuro o gozo de desentranhar de *Viva o Povo* fragmentos dos prosadores barrocos, das aquisições mais radicais do modernismo e até mesmo laivos do desvario parnasiano, reinventados em meio a esse banquete da linguagem. Dentre as tantas qualidades de *Viva o Povo Brasileiro*, uma das maiores é a de despertar em nós, leitores, o desejo da linguagem. E, se a mim a alegria da releitura de *Viva o Povo Brasileiro* suscitou três ou quatro poemas, suponho que continuará suscitando poesia nos leitores do futuro, cuja música e as musas, espero, sejam melhores do que as minhas. E assim, como queria Luís Vaz de Camões, transforma-se o amador na coisa amada: *Viva o Povo Brasileiro* continuará sendo uma alegria para sempre.

### Encerro essa pequena palestra com uma nota pessoal

Em 1990 fui encarregado de escrever uma adaptação para a televisão de um livro de Ubaldo posterior a *Viva o Povo*, chamado *O Sorriso do Lagarto*. Ao fazer a adaptação, criei personagens que não existiam no livro, o que comumente faz parte do processo. Assim que a série estava prestes a ser exibida,

uma repórter foi entrevistar Ubaldo em Berlim, onde ele então morava, e lhe perguntou se ele assistiria à série. Ubaldo respondeu: “Não assisto de jeito nenhum!!”. “Por quê?”, perguntou a jornalista. Ubaldo respondeu que seu compadre Jorge Amado lhe havia prevenido que as adaptações muitas vezes estragam as obras originais e, seguindo o conselho de Jorge, ele estava resolvido a não assistir à série. Então a jornalista lhe comunicou que, logo no primeiro capítulo, havia uma personagem chamada Maria das Mercês que era assassinada. Ubaldo levou as mãos à cabeça, num gesto de desespero, e disse: “Mataram minha prima Mercezinha!”.

Apesar disso nos tornamos amigos fraternos e vivemos felizes para sempre. Trabalhamos juntos diversas vezes, adaptando obras de Ubaldo ou de Jorge Amado para a TV e o cinema. Trabalhamos juntos numa tradução de *Electra*, de Sófocles. Tínhamos o plano de fazer uma versão de *Os Lusíadas* para a juventude, graças à qual o leitor jovem poderia usufruir das belezas do poema sem o estorvo de encarar a história dos reis de Portugal, repetida três vezes na epopeia.

Ubaldo tinha um conhecimento extraordinário da língua inglesa, tendo sido o tradutor de *Viva o Povo Brasileiro* para a edição americana. Porque só ele saberia reproduzir em inglês os múltiplos registros coloquiais e eruditos que faziam parte do livro.

A intimidade de Ubaldo com o inglês era tanta que de vez em quando se apossava dele uma voz poética que o fazia psicografar poemas naquela língua. Certa noite o espírito do poeta baixou em Ubaldo, ele escreveu um novo poema e o enviou pelo fax pra mim. No mesmo instante, traduzi e recriei os seus versos, acrescentando os nomes de sua musa e patroa Berenice e da personagem-título de seu livro recém-lançado. Ficou assim:

Até a morte eu me atormentarei  
Pelo que descobri e não encontrei,  
Pelo que, pascaliano como sou,  
Eu compreendi e ainda assim maldigo.  
Sou o idiota mais perfeito, aliás,  
Por feito mais de carne que de gás;  
É esse o fado que me leva adiante  
Num mundo para o qual não sou prestante.  
Tudo o que tenho as mulheres me deram,  
Consolação, razão para existir.  
Benditas Berenices, Beneditas;  
Também sejam benditos meus amigos,

Pois gosto deles, tenham longa vida,  
E até eu mesmo que não a mereço,  
Mas que a observe e sei qual é seu preço.

Ubaldo ficou tão feliz com a tradução que destruiu o original.

Ele era um amigo generoso. Costumava agradar seus amigos com presentes preciosos ou triviais. Entre esses últimos, João praticava uma técnica que aprendera com o compositor Dorival Caymmi, cuja palavra de ordem era a expressão “não me esqueci de você”. Em suas viagens, seguindo os ensinamentos de Caymmi, Ubaldo comprava pequenas lembranças, que guardava numa caixa. Quando algum amigo aparecia em sua casa – o que era raro –, João dava preferência a encontrar os amigos no bar, ele recorria ao estoque e proclamava a frase mágica: “Não me esqueci de você”.

Entre os presentes, Ubaldo me deu um canivete suíço, um binóculo e alguns livros de sua predileção. O problema é que ele sempre telefonava cobrando o uso do presente: “Já usou o canivete que eu lhe dei?” “Ainda não, João, ainda não tive oportunidade”. “E o binóculo que eu lhe dei?”. E eu lhe respondia: “Não há nada para ver diante da janela de meu escritório”. E João insistia: “Pois vá até a rua e observe uma ciclista. Faça alguma coisa com o binóculo que eu lhe dei!”.

Fui a Itaparica participar das festas do derradeiro aniversário do João, em 2014. Lá conheci seu amigo Toinho Sabacu, autor da *Teoria da Catraca*, segundo a qual morrer é fácil: difícil é passar pela catraca aquele mecanismo de braços giratórios, que obriga as pessoas a passarem uma de cada vez.

De volta ao Rio estive diversas vezes na casa de Ubaldo e lhe sugeri que escrevesse suas memórias. Ele me disse que já havia pensado nisso, mas preferia reservá-las para a velhice.

A velhice não chegou. João Ubaldo passou pela catraca. Provavelmente, foi morar com seus personagens no céu da ficção. Deixou-nos a nós, seus leitores, com a sensação do inacabado, talvez inerente à vida.

Ficam aqui estas palavras como uma homenagem e um carinho para Ubaldo, que, além de ser um escritor magnífico, era um dos melhores amigos do mundo.